



Por uma cultura de paz

127. RedeUnaViva: Meditação Cristã 127 – paragem 232 – 19.02.2017

MATEUS 17:24-27

O TRIBUTO PAGO PELO CRISTO

Auto-indagação reflexiva e expansiva:

1. Como entender a deliberação de Jesus de pagar o imposto?
2. De onde veio o dinheiro para pagar o tributo?

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

3. Qual imposto devo pagar para entrar em meditação?

127.1 Introdução: Localizando temporalmente o diálogo sobre o Imposto do Templo.

Este evento, em um dos instantes de retorno a Cafarnaum, durante as Retiradas, Pastorino o situa em abril do ano 30, em decorrência da efeméride. Trata-se do Tributo do Templo, que antecedia a Páscoa em um mês. Este foi instituído por Moisés, no valor de meio siclo, para a manutenção dos serviços religiosos. Um siclo equivalia a quatro dracmas, na moeda romana vigente, logo eram necessárias duas dracmas para pagar o tributo que ficou conhecido como o Imposto da didracma. Para duas pessoas, quatro dracmas, um siclo, ou um “státer”, como refere Jesus no texto de Mateus.

Pastorino não segue a cronologia de Mateus que, conforme já comentamos, não se prima pela referência temporal para escrever seu evangelho. O comentarista contemporâneo localiza esta passagem após a primeira Retirada, a de Betsaida-Júlias, tempo da primeira multiplicação dos pães. É no seu retorno que o Cristo profere o discurso do Pão Vivo. Ainda houve a segunda retirada, de Fenícia à Decápole, ocasião da cura do surdo-gago e da segunda multiplicação dos pães. Watson e Allen, na



Por uma cultura de paz

Harmonia dos Evangelhos, situa a passagem do Imposto, após a terceira retirada, isto é, a da Transfiguração no Tabor.

Registrando que a última Páscoa ocorrerá alguns meses antes, inclusive com a presença de Jesus em Jerusalém, quando curou o paralítico na piscina do Templo, não seria já tempo de repetição da festa do Êxodo, mas sim, a dos Tabernáculos, um semestre após a Páscoa. As contribuições da Taxa do Templo daqueles que moravam no estrangeiro deveriam chegar até quinze dias antes da Festa dos Tabernáculos que, conforme constataremos, está prestes a acontecer. Então, é mais provável estarmos no mês de setembro ou outubro do ano 30.

O que esta questão de pagar o imposto religioso, e não civil, tem a ver com a mensagem espiritual? É o que iremos tratar neste estudo, a partir dos quatro versículos com que Mateus, o único a retratar tal curiosa passagem, conclui seu capítulo 17. É o tema que o antigo publicano acrescenta após Jesus ter declarado mais uma vez o seu sacrifício iminente. Mateus iniciou este capítulo com a narrativa da Transfiguração, seguiu com o esclarecimento de João Batista como reencarnação de Elias. Passou, ainda, pela cura do endemoninhado que os apóstolos não conseguiram curar e com a explicação de Jesus, sobre o insucesso dos mesmos.

Aprendamos um pouco mais sobre os tributos na antiga Palestina e a relação do Cristo com eles.

127.2 Evangelho-parte 1: Para evitar o escândalo, Jesus paga o imposto (Mt)

Mateus 17:24-27
24. Tendo chegado a Cafarnaum, dirigiram-se a Pedro os que cobravam as duas dracmas e perguntaram: "Vosso Mestre não paga as duas dracmas"?
25. Respondeu-lhes ele: "Paga". E quando Pedro entrou em casa, antecipou-se Jesus, dizendo: "Que te parece, Simão: de quem recebem os reis da Terra tributo ou imposto? de seus filhos ou dos estranhos"?
26. Respondeu Pedro; "Dos estranhos". Jesus disse: "Então os filhos estão isentos ...
27. Mas para que os não escandalizemos, vai ao mar, lança o anzol, e o primeiro peixe que subir, tira-o; e abrindo-lhe a boca, encontrarás um "státer"; apanha-o e entrega-lhes por mim e por ti".

1. Tendo chegado a Cafarnaum, os cobradores de imposto dirigiram-se a Pedro e perguntaram: "vosso Mestre não paga as duas dracmas"?

4. Respondeu Pedro: "dos estranhos". Jesus disse: "então, os filhos estão isentos..."

5. "Mas para que não os escandalizemos, vai ao mar, lança o anzol, e o primeiro peixe que



Por uma cultura de Paz

2. Respondeu-lhes ele: “paga”.
subir, tira-o. Abrindo sua boca encontrarás um “státer. Apanho-o e entrega-lhe por mim e por ti”.
3. Ao entrar em casa, Jesus antecipa: “que te parece, Simão: de quem recebem os reis da Terra o tributo? De seus filhos ou dos estranhos”?

127.3 Auto-indagação reflexiva e expansiva:

1. Como entender a deliberação de Jesus de pagar o imposto?

Por certo, Jesus já havia pago este imposto ou o próprio amigo o fizera por ele, nos anos anteriores, tanto que o discípulo não vacila em afirma-lo quando interrogado sobre a posição “do seu mestre”. Não era um tributo civil, mas religioso, imposto por Moisés em obediência a *um diálogo* que tivera com o Senhor (Êxodo 30:11-16). A poderosa clarividência de Jesus já presenciara a cena entre o pescador e o funcionário do Templo.

Na antiguidade, Moisés cuidara de instituir leis religiosas e civis, quase como correspondentes, dando nascimento ao Estado teocrático. Segundo esta instrução, aproveitava-se o arrolamento do censo tradicional para cobrar a taxa de todo o cidadão que contasse mais de 20 anos. Transmitira o Senhor que ele servia para a expiação e resgate de suas almas e, ainda, contribuía para a tenda de congregação, uma espécie de pré-templo, próprio da época de andanças pelo deserto.

Temos de destacar uma vez mais a argúcia do Mestre, sempre ensinando com uma pedagogia surpreendente. Não deixa escapar oportunidade de usar sua mais refinada dialética para transformar um simples diálogo em desafiante enigma para o seu interlocutor. Surpreende o apóstolo com a instigante pergunta: “de quem recebem os reis da Terra o tributo, dos seus filhos ou dos estranhos”? Não havia uma superposição estrita entre as duas situações, no entanto é preciso considerar que a analogia e a metáfora são recursos didáticos constantes com que Jesus estimula a exploração do raciocínio.

A situação real recém vivida por Simão é a do imposto religioso, mas o Mestre lhe pergunta sobre o imposto civil. De quem os poderosos – reis e seus administradores – o cobram? A experiência farta justificava resposta espontânea. Os palacianos, íntimos do rei, não precisam pagar a taxa pública, que é dirigida, em exclusivo, para a plebe, os súditos e trabalhadores. Transposta tal realidade para o *Reino que não é deste mundo* deve prevalecer a mesma lógica. Conclui-se, os filhos estão isentos.



Por uma cultura de paz

No caso do Imposto do Templo, apesar dele incidir sobre os levitas, questionava-se se os sacerdotes deveriam pagá-lo, ou seja, aqueles que já doavam sua vida ao trabalho do Senhor. Não esqueçamos que na sequência de Mateus, Jesus acabara de dizer que “o Filho do Homem será entregue nas mãos dos homens, que o matarão, mas que no terceiro dia, ele ressuscitará” (Mt 17:22-23). Este Filho do Homem é aquele Filho de Deus Vivo, anunciado por Pedro, quando antecipou a declaração que o Mestre estava prestes a fazer. O Filho ou os filhos de Deus não devem, pois, pagar o imposto. Esta é a conclusão do Cristo, assentando a lógica religiosa à lógica do mundo. Porém acrescenta detalhe precioso. Para que tal atitude não virasse escândalo, pedra de tropeço, o Mestre e *a pedra angular do seu movimento*, seu discípulo, pagariam o tributo cobrado.

Lição pertinente é daí derivada. Cabe ao seareiro do Senhor cumprir suas obrigações sociais e religiosas. Deve assumir o labor cotidiano em vez de ser sustentado pela comunidade que assiste, conciliando os dois campos de trabalho como um só e as duas fontes de remuneração como a mesma, dando ao corpo o que é do corpo e ao espírito o que é do espírito. Há tempo para se dedicar às duas frentes, a mundana e a sagrada, pela simples compreensão de que tudo é sagrado. No exercício da profissão, há oportunidade intrínseca de servir espiritualmente, visando tanto o próximo como a própria autodepuração. Tanto o religioso precisa dar sua cota de cooperação para que se efetive a transformação das instituições sociais, como precisa participar dos serviços gerais para que sua casa espiritual funcione a contento. Mais do que uma taxa em dinheiro, ele se oferece como instrumento.

Mas de imediato surgirá a pergunta: trabalhava ordinariamente Jesus enquanto realizava seu ministério público? A condição singular do Mestre impõe raciocínio diferente. Enquanto se preparava na adolescência e enquanto na primeira madureza aguardava soar o tempo do início do seu ministério, aprendia na marcenaria do pai José e operava seu ofício na região de Nazaré. Depois deste primeiro empreendimento, em que se escondia sob as vestes de um galileu anônimo, tinha pouco tempo para realizar o momentoso trabalho de Deus. O sol que era se fez orbitar pelos doze para a vigência da empresa especial e mínima de três anos. Contou com o apoio efetivo e espontâneo dos pescadores irmãos, Pedro e André, Tiago e João, do administrador Mateus, e do tesoureiro Judas. A organização material estava bem constituída, assim. Cada qual com sua qualidade e seu defeito, como sói acontecer em todo agrupamento humano. O que diferenciava este é que no seu centro o sol magnânimo dispensava nutrição de todo jaez, do pão ao vinho, para o grupo e mais além.



Por uma cultura de paz

2. De onde veio o dinheiro para pagar o tributo?

É difícil admitir que já estava lá no estômago ou na boca do peixe a moeda de um státer, quantia exata para ressarcir o débito para com o tesouro religioso. Alguém lançara ou deixara cair no mar a moeda, o peixe a abocanhara, ficara esperando o pescador, que lançaria o anzol no seu sítio para fisga-lo, em primeiro lugar. É difícil admitir tal raciocínio.

Duas condições outras, especiais, poderiam ser aventadas para explicar a profecia. Allan Kardec, como homem de ciência, realizou trabalho magnífico sobre a mediunidade, e com o auxílio dos próprios Espíritos, seus guias para esta produção intelectual, solucionou muitos enigmas que pairavam na fronteira entre a Terra e o céu. Para explicar esta profecia, como mais um prodígio operado pelo Mestre, lança-se mão de dois tipos fenômenos mediúnicos. Trata-se da materialização e do transporte de objetos físicos (O Livro do Médiuns, capítulos IV e V). O fenômeno da materialização, mostrado do ponto de vista da espiritualidade, pode ser também consultado, no precioso livro “Os Missionários da Luz”, capítulo 10, do Espírito André Luiz, em psicografia de Francisco Cândido Xavier.

No caso de materialização, no momento em que Pedro fosse pescar, o Mestre se recolheria para, dali, comandar sua equipe espiritual para auxiliá-lo na transformação de energia em matéria, tal como operou nas duas multiplicações dos pães. No caso do transporte, é crível imaginar que o dinheiro viesse do próprio Jesus, do seu tempo de labuta. Não que ele tivesse assegurado para si uma reserva pessoal para uso posterior, mas nada impede que, até pelo seu desprendimento material, tivesse largado alhures algumas moedas recebidas, e lá ainda estivessem. Envolta numa “capa de desmaterialização”, ela seria transportada até a boca do peixe no momento em que Pedro o pescasse. Por que, então, não a transportar direto para a bolsa de Pedro ou para algum canto de sua casa? De novo, o realce do valor do trabalho e... da fé. Pedro precisaria por demais dela para se transformar na *pedra da sua Igreja*”. E a preparação já estava se operando. O pescador de almas ainda voltaria a pescar peixes, se necessário. Seu ofício cotidiano seguiria com ele como grande dote da experiência terrestre.

127.4 Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

3. Qual imposto devo pagar para entrar em meditação?

Sou extremamente grato pelo corpo recebido para a experiência desta encarnação. Aos meus pais e familiares, que permitiram tal descida ao escafandro de



Por uma cultura de paz

carne, mas sobretudo ao Cristo que, através de enorme corrente de benfeitores, renovam oportunidades para que eu tome o caminho de volta para a Casa.

Tal como o filho pródigo, malbaratei recursos e diligências que os amigos do alto articularam para mim. Ainda mesmo, nesta existência. Não mais quero repetir a série de desvios perpetrados por minha indigência e teimosia. Esta ignorância inoperante me dirigiu por séculos afora.

O caminho de volta para o Lar não é fácil. Exige, tantas vezes, um reencontro com a sombra psíquica, onde o diabo em mim faz morada. Insiste no gozo fácil e destoante, com casuísmos e argumentações que até chegam a fazer sentido.

Mas quero outra via, agora. Implica até mesmo em pagar o imposto devido.

Se disponho do corpo desde logo que levanto, estou bem certo para onde me levam as pernas? Para que norte apontam os pés? Se no primeiro ano de existência levantei o corpo, me sustentei na sua base e dei os primeiros passos, será que, de fato, já sei andar? Equilibrado, cadenciado, no rumo certo e na velocidade adequada? Tantas vezes corri, quando precisava parcimônia, e parei quando prosseguir era o indicado.

Movimentei as forças pulsionais do sexo e da comida para satisfações que hoje operam serenas em minha mente? Não destoei quando o respeito e o amor foram sussurrados no meus ouvidos moucos? Comi para sobreviver ao invés de viver para comer e para beber? E o jejum do corpo, tenho adquirido sua habilidade o suficiente?

Não vibrei sentimentos inferiores e egoístas quando tanto havia para transformar e cooperar nas relações interpessoais? Já fui capaz de me desculpar pelos enganos do coração, no campo da amizade e dos afetos conjugais? De reparar enganos desastrosos e acidentes evitáveis?

Já aprendi deveras o bem falar e mais ainda do silêncio suficiente quando a palavra vã saltita na língua? O verbo lúcido que enobrece o encontro, apontando sugestões construtivas?

Conquistei a escuta calma e acolhedora para aquele que precisa mais falar do que ouvir? Treinei o suficiente para escutá-lo dentro da sua lógica e pertinência, colocando de lado meus raciocínios prévios? Ou esqueci que o mais mísero sofredor pode ser também meu benfeitor se a receptividade for generosa?

E olhar? Já aprendi a enxergar os detalhes que fazem a diferença? Tenho adquirido os olhos de ver e os ouvidos de ouvir? A valorizar a grandeza destes canais do corpo?

Amealhei a capacidade de pensar para estruturar a ideia que instrui e o conhecimento que liberta?

Sei que sou aprendiz repetente destas habilidades, que tu Mestre querido, mostrou exceder quando tua disposição de servir apontou para a descida íntima nos planos em que demoramos. Por isto, quero mais uma vez afirmar convicto minha



Por uma cultura de paz

disposição de investir diariamente para que tal conquista faça parte desta encarnação, com o concurso inestimável do organismo físico que ora me é facultado.

Quero pagar o tributo pelo débito com esta oportunidade me oferecida. Mais do que em espécie quero pagar com o serviço dedicado e contínuo. Disciplina minhas tendências rebeldes e me coloca à disposição da tua equipe. Faça de mim teu instrumento de amor, que o reino de Deus é chegado. É sentar, fechar os olhos e, no silêncio, o receber.

127.5 Versículo(s) para a meditação: Mateus 17:25-26

25. "Que te parece, Simão: de quem recebem os reis da Terra tributo ou imposto? de seus filhos ou dos estranhos?"

26. Respondeu Pedro; "Dos estranhos". Jesus disse: "Então os filhos estão isentos ..."

RedeUnaViva: Meditação Cristã 128 – paragem 235 – 26.02.17
MATEUS 18: 15-35